

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
CAMPUS PROF. POSSIDÔNIO QUEIROZ - OEIRAS/PI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

VOZES SILENCIADAS EMERGEM: A REALIDADE FEMININA NA
COMUNIDADE CALDEIRÃO, CAJAZEIRAS, PIAUÍ

Mickaele Ferreira de Sousa¹

Valderlany Mendes Dantas²

RESUMO:

O presente estudo objetiva analisar a condição feminina na comunidade Caldeirão, localizada na zona rural do município de Cajazeiras do Piauí, no sentido de promover o protagonismo social feminino, bem como identificar as lutas e resistências dessas mulheres, em prol do desenvolvimento sociocultural e econômico da referida comunidade. Além disso, a pesquisa visa contribuir para a desnaturalização de discursos machistas, sexistas, classistas, racistas, que contribuem para invisibilidade de sujeitos marginalizados por um sistema de opressão secular. Os(as) principais autores e autoras que deram embasamento teórico a pesquisa foram os seguintes: Michelle Perrot, Rachel Soihet, Letícia Chagas e Arnaldo Toni Chagas. Os resultados destacam a relevância da história social das mulheres e como esta área do conhecimento histórico busca dar visibilidade as experiências historicamente silenciadas pela historiografia tradicional. A metodologia empregada envolveu entrevistas com moradoras da comunidade Caldeirão, por meio do método de História Oral.

Palavras-chaves: Mulher; História social; Resistência; Caldeirão.

INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda uma temática que envolve o papel de liderança³ de mulheres, tanto no aspecto social quanto pessoal. A formação sociocultural da sociedade brasileira é marcada por relações desiguais de gênero, raça e classe. Nesse sentido, a pesquisa foi intitulada "Vozes Silenciadas Emergem: A Realidade Feminina na Comunidade Caldeirão, Cajazeiras, Piauí", objetiva analisar a condição feminina na comunidade Caldeirão, localizada na zona rural do município de Cajazeiras do Piauí, no sentido de promover o protagonismo social feminino, bem

¹ Este trabalho é fruto do desenvolvimento do TCC no curso de Licenciatura em História, UESPI, Campus Possidônio Queiroz/Oeiras. E-mail de contato do/a autor/a: mickaellesousa@gmail.com.

² Docente do curso de Licenciatura em História, UESPI, Campus Possidônio Queiroz/Oeiras. E-mail de contato do/a orientador/a: valderlanymendesdantas@ors.uespi.br.

³ A permanência das instituições, nesse contexto, refere-se à persistência do modelo familiar em que o homem desempenha o papel de provedor (o líder), enquanto a mulher é apenas uma pessoa encarregada do cuidado do lar e da casa.

como identificar as lutas e resistências dessas mulheres, em prol do desenvolvimento sociocultural e econômico de sua comunidade. Além disso, a pesquisa visa contribuir para a desnaturalização de discursos machistas, sexistas, classistas, racistas, que contribuem para invisibilidade de sujeitos marginalizados por um sistema de opressão secular.

A história social das mulheres constitui um campo do conhecimento histórico consolidado, mesmo assim, inúmeras histórias de mulheres que merecem ter suas histórias registradas pela historiografia, ainda continuam invisibilizadas pela historiografia. Transformando-se em um desafio que os historiadores vêm enfrentando na contemporaneidade, no sentido de dar visibilidade histórica a esses sujeitos. E, isso é fundamental para construção de uma sociedade igualitária. Dar visibilidade histórica a essas experiências contribuem para evidenciar problemas sociais enfrentados por mulheres cotidianamente, e assim, buscar possíveis soluções para os problemas enfrentados por elas, como as consequências causadas por uma sociedade marcada pelas múltiplas desigualdades. A sociedade brasileira mantém-se amplamente patriarcal, onde os homens ocupam posições centrais, relegando às mulheres papéis secundários. Ao examinarmos esse contexto de inferiorização da mulher a um papel coadjuvante na historiografia tradicional, compreendemos a necessidade de conduzir estudos que analisem comunidades, onde a mulher está à frente de sua própria subsistência e, em muitos casos, também da subsistência de seus filhos.

A sociedade brasileira impõe as mulheres características que não são suas, mas criadas e estabelecidas, por meio de mecanismos de socialização como a casa, a família, a igreja, a escola etc., com a finalidade de dar aos homens o direito de dominar e controlar as mulheres, colocando as mulheres em situações difíceis. Nossa análise inicial revela que esses estereótipos têm origem na formação da sociedade brasileira baseada nos princípios de uma cultura conservadora,⁴ que desde o seu início, busca relegar as mulheres um papel secundário. Papéis como o cuidado da família, da casa são características que podemos observar, principalmente, provenientes do modelo social durante os tempos da colonização, quando o modelo de família tradicional era predominante. Mesmo após as significativas conquistas alcançadas pelos movimentos feministas, essas estruturas patriarcais persistem na sociedade brasileira.

Mesmo diante dos desafios imposto as mulheres sempre demonstraram coragem e determinação para superar as barreiras de gênero, raça e classe. Suas lutas e resistências

⁴ A permanência das instituições, nesse contexto, refere-se à persistência do modelo familiar em que o homem desempenha o papel de provedor (o líder), enquanto a mulher é apenas uma pessoa encarregada do cuidado do lar e da casa.

contribuem para a desconstrução de padrões sociais com raízes profundas na sociedade brasileira, abrindo caminho para uma maior igualdade de gênero, raça e classe. Portanto, é importante evidenciar tanto a permanência de discursos machistas, sexistas, misóginos, racistas, classistas, quanto as conquistas que as mulheres alcançaram na busca pela redefinição dos papéis de gênero socioculturalmente estabelecidos.

A pesquisa destaca-se por sua singular originalidade, principalmente no âmbito da historiografia dedicada à história social das mulheres. A singularidade resulta da abordagem da perspectiva feminina ao investigar a história das mulheres que vivem no campo. Conforme nossa análise revela, este é um tema que ainda necessita de pesquisas, especialmente para dar o merecido protagonismo histórico às mulheres nas suas diferentes especificidades. É por essa razão que esta pesquisa se aprofunda nessa temática, uma vez que na historiografia, faz-se necessário um estudo mais abrangente das questões femininas. Ainda persiste uma predominância na história tradicional, onde o homem continua sendo uma figura central.

A Comunidade Caldeirão, localizada no município de Cajazeiras, PI, sobressai-se como um exemplo, no qual é possível observar que as mulheres entrevistadas foram responsáveis por sua própria subsistência e pela criação de seus filhos, motivadas por diversas circunstâncias, como a viuvez precoce ou o abandono por parte de seus maridos. É importante ressaltar que o estudo da história social das mulheres tem se tornado uma opção cada vez mais frequente no meio acadêmico, no entanto as histórias de mulheres brancas das elites ainda são predominantes, mesmo sendo uma pequena minoria entre as mulheres. Essa pesquisa contribui para preencher uma lacuna importante, ao trazer à luz as experiências das mulheres do campo na formação da história local e social.

Observa-se que o estudo do protagonismo feminino na Comunidade Caldeirão possui uma relevância promissora para a historiografia piauiense. Ao analisarmos a historiografia, torna-se perceptível que a sociedade retratou a mulher como inferior e incapaz de possuir a determinação e competência necessária para liderar uma comunidade. Devido aos estereótipos direcionados às mulheres, ainda é incomum que uma comunidade, onde as mulheres são responsáveis por suas casas, tanto em âmbito social quanto pessoal, como é o caso do Caldeirão, seja abordada por pesquisas científicas.

A escolha do tema e do local foi motivada por preocupações que surgiram desde que decidi cursar o curso de história. Essa temática em particular tem uma conexão muito forte com

a minha vida pessoal e social, já que eu mesma enfrento cotidianamente as dificuldades geradas por uma cultura machista, classista e racista. Ainda é possível observar que a imagem da mulher atualmente está frequentemente vinculada às tarefas domésticas e a maternidade. Embora tenha ocorrido algumas mudanças com o surgimento da sociedade contemporânea, infelizmente, as mulheres ainda são consideradas sujeitos inferiores em comparação aos homens.

São inúmeras as motivações para a escolha desta temática de estudo. A história de mulheres que desempenharam papéis considerados fora do padrão sempre me cativou, pois em casa tenho um exemplo, de luta feminina. Pretendo continuar nessa área, motivada principalmente por mulheres cujas histórias foram silenciadas pela historiografia tradicional, que as coloca como personagens secundárias. Dessa forma, busco contribuir para romper com estereótipos associados à figura feminina. Outro fator crucial que me motivou a estudar e refletir sobre essa temática foi a trajetória da minha mãe, que enfrentou as dificuldades geradas por conta da desigualdade gênero, raça e classe presentes na sociedade brasileira. Essa experiência influenciou minha preferência por questões relacionadas às mulheres. A partir das vivências dela, pude compreender a importância de desconstruir esses estereótipos e promover a equidade de gênero em nossa sociedade.

A história social das mulheres abrange inúmeros conceitos que fornecem embasamento para o estudo da condição da mulher na sociedade. Dessa forma, a pesquisa trabalha com indivíduos que se dedicaram às questões que circundam a história social das mulheres. Entre os conceitos fundamentais nos quais a pesquisa se concentra, destacam-se o, gênero, raça e patriarcado. Para isso, autores e autoras como Kalina Vanderlei Silva (2009), Maciel Henrique Silva (2009), Simone de Beauvoir (1970), Ângela Davis (2016), entre outros, foram utilizados.

A presente pesquisa tem como objetivo central analisar a condição feminina na comunidade Caldeirão, município de Cajazeiras do Piauí. Para tanto, realizaremos entrevistas com quatro moradoras do referido povoado, tendo como base o método da História Oral. Trabalhar com fontes orais é uma tarefa complexa, uma vez que é necessário compreender que não se resume simplesmente a fazer perguntas aleatórias. Deve-se analisar cuidadosamente as questões às quais as pessoas que se dispuseram a participar serão submetidas.

Nesse sentido, no que diz respeito à metodologia desta pesquisa, dedicamos uma reflexão profunda, pois o tema proposto exige tal atenção e um olhar crítico. Após essa reflexão cuidadosa, elaboramos um questionário com 69 perguntas, abrangendo diversos aspectos da vida social e familiar das entrevistadas. O questionário foi projetado para capturar respostas às

questões que permeiam a temática da pesquisa. Além disso, preocupamo-nos em formular perguntas que as entrevistadas pudessem responder sem dificuldades. Durante o processo de seleção das candidatas, optamos por escolher 4 mulheres de diferentes faixas etárias, a fim de obter uma visão geral da condição da mulher na Comunidade Caldeirão.

A história oral desempenha um papel fundamental na compreensão da identidade e memória de um determinado indivíduo ou de uma comunidade. Nesse contexto, a utilização de fontes orais foi essencial, pois a partir das vivências das entrevistas construímos uma narrativa de indivíduos que a sociedade muitas vezes não reconhece. Este ponto é destacado por Alberti:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção simplificada pode resultar em um punhado de fitas gravadas, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba muito bem o que falar com elas. (ALBERTI, 2005, p. 29)

É necessário compreender que a prática da história oral requer um planejamento cuidadoso e uma abordagem mais profunda do que simplesmente coletar informações de maneira superficial. Assim, priorizamos a construção de um questionário que estivesse alinhado com os objetivos da pesquisa. Outro aspecto a se considerar é que a história oral trabalha com as memórias, e essa abordagem oferece espaço para que a historiografia privilegie uma história vista pelos excluídos da sociedade, que, no caso desta pesquisa, são as mulheres que exercem papel de liderança na comunidade Caldeirão. Conforme Michel Pollak:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "memória oficial", no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p. 4).

O autor Michael Pollak, enfatiza a importância da história oral ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias. Isso ressalta o valor das chamadas "memórias subterrâneas," que constituem parte integrante das culturas minoritárias e dominadas. Essas memórias representam uma contrapartida à chamada "memória oficial," que muitas vezes é imposta como a narrativa predominante, em especial no âmbito nacional.

A pesquisa aborda aspectos essenciais para compreender a problemática da participação feminina em papéis de liderança, tanto na comunidade quanto em suas casas. Ela busca responder às perguntas que cercam essa questão ao analisar a história da comunidade Caldeirão, considerando o papel das mulheres em sua formação e desenvolvimento, entre outras questões.

Começaremos com uma análise abrangente da evolução do feminismo no Brasil, traçando seus marcos históricos e destacando figuras importantes e movimentos significativos.

Em seguida, exploraremos como mulheres de diferentes perspectivas, como raça, classe social e cultura, coexistem em uma sociedade notoriamente machista. Utilizaremos dados demográficos e estudos sociológicos para embasar nossas conclusões. Além disso, examinaremos as raízes históricas do patriarcado no Brasil e sua influência persistente em várias esferas da vida das mulheres.

Esta seção se concentrará em investigar a influência ativa do patriarcado na vida das mulheres brasileiras. Realizaremos pesquisas qualitativas e quantitativas para identificar os desafios que as mulheres enfrentam em áreas como saúde, educação, trabalho e vida familiar. Consideraremos como esses desafios variam de acordo com características individuais, como idade e origem étnica. Também exploraremos as estratégias de resistência e empoderamento que as mulheres desenvolveram em resposta ao patriarcado, apoiando nossas análises com estudos de caso e entrevistas.

Nesta parte, realizaremos uma análise histórica da Comunidade Caldeirão, examinando seu desenvolvimento, eventos-chave e os fatores socioeconômicos e culturais que moldaram sua trajetória. Destacaremos o papel fundamental das mulheres na comunidade ao longo do tempo, enfocando suas contribuições e desafios específicos. Além disso, investigaremos como o empoderamento⁵ feminino afetou a vida das mulheres na Comunidade Caldeirão.

A CONDIÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA

A invisibilidade na narrativa histórica das mulheres excluiu a presença feminina de muitos eventos históricos, não que elas não tenham participado de alguma forma, mas sua presença foi silenciada pela historiografia tradicional, o que também simboliza o reflexo de uma sociedade que buscou deixar as mulheres de fora das tomadas de decisões, o que acabou contribuindo para a centralização do poder nas mãos dos homens. Felizmente, ao longo dos anos, essa realidade tem passado por transformações, devido às conquistas dos movimentos feministas, apesar de persistir a ideia de que as mulheres são frágeis e que seu lugar é estritamente no ambiente familiar.

A condição da mulher na história tem sido complexa e desafiadora, marcada por mudanças e permanências. Isso se deve ao fato de a mulher ter sido frequentemente percebida

⁵ O empoderamento, ao se posicionar à frente de suas vidas, manifesta-se tanto no âmbito familiar, onde assumem a responsabilidade pelo cuidado de seus filhos/as sem qualquer auxílio do companheiro, seja por abandono ou falecimento, quanto no âmbito social, onde desempenham papéis significativos na comunidade.

pelas sociedades tradicionais como um ser inferior em todos os aspectos. A historiografia tradicional não a reconheceu como um sujeito histórico; em vez disso, as mulheres foram retratadas como meras figurantes na narrativa histórica que glorificava a figura masculina, como se os homens fossem seres superiores. No entanto, é crucial compreender que essa visão da mulher como inferior ao homem é uma construção que tem sido perpetuada ao longo dos anos, como destacou Michelle Perrot:

Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão."9 Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno (PERROT, 2007, P. 17).

A mulher é frequentemente associada a um ser maligno, uma vez que, conforme descrito nos livros mais antigos, a mulher teria sido induzida pelo diabo, que se manifestou na forma de uma cobra, a persuadir o homem a comer o fruto proibido do conhecimento. Devido às crenças religiosas, muitos sujeitos que conservam pensamentos tradicionais acreditam que a mulher foi e continua sendo a responsável por desgraças na vida do homem. Tais concepções são estigmas que perduram ao longo da história, representando uma justificativa sólida para considerar a mulher como inferior ao homem. No entanto, é evidente que isso é apenas uma das narrativas defendidas pela sociedade conservadora para excluir a mulher do cenário social e negar a elas direitos sociais, políticos e econômicos.

A ausência de visibilidade da participação feminina na história tradicional se deve principalmente às barreiras impostas pelos próprios homens. Devido à exclusão das mulheres, muitas delas não tinham a oportunidade de escrever ou de se envolver na sociedade, o que resultou na ausência de fontes e vestígios que retratassem a vida das mulheres na sociedade e sua participação. Isso também ocorreu porque as mulheres, devido a esse cenário de dominação masculina, eram vistas como pessoas que não tinham direito de expressão, seja por medo das consequências sociais e familiares que enfrentariam ao revelarem seus segredos, ou porque, em muitos casos, as próprias mulheres destruíram deliberadamente seus vestígios, o que causou a carência de fontes que poderiam auxiliar a historiografia a contar não apenas a história dos homens, mas também a das mulheres.

A Escola dos Annales representou um importante marco na superação da invisibilidade da mulher na história, abrindo caminho para a sua entrada no cenário da produção acadêmica. No entanto, ainda enfrenta obstáculos a serem superados. Essa situação só passou por uma

grande transformação a partir dos movimentos feministas das décadas de 60 e 70, como menciona Rachel Soihet:

A onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60, contribuiu, ainda mais, para o surgimento da história das mulheres. Nos Estados Unidos, onde se desencadeou o referido movimento, bem como em outras partes do mundo nas quais este se apresentou, as reivindicações das mulheres provocaram uma forte demanda de informações, pelos estudantes, sobre as questões que estavam sendo discutidas (SOIHET, 1997, P. 401).

Observa-se que os movimentos feministas transformaram a vida das mulheres, fazendo com que elas pudessem ter o direito ao acesso a diversos lugares que foram negados a elas durante muito tempo. A escassez de informações e documentos sobre a história das mulheres contribuiu para a invisibilidade das mulheres na história, resultado de um sistema em que o homem domina todos os aspectos da vida da mulher, levando-a a um estado de alienação. No entanto, é importante ressaltar que muitas mulheres lutaram para quebrar os estereótipos.

Ao analisar esses momentos em que as mulheres resistiram e continuam a resistir aos modelos de dominação, percebemos uma lacuna na história, onde essa realidade persiste. Observamos que, apesar dos avanços significativos, as produções acadêmicas femininas ainda são pouco exploradas, tanto no ensino básico e fundamental quanto no ensino superior. Isso nos leva a questionar por que, mesmo no século XXI, o patriarcado ainda predomina no mundo acadêmico? Essa é uma preocupação para as gerações de mulheres que não se veem representadas em um setor.

No início, algumas sociedades eram matriarcais, como mencionado por Vinicius da Silva e Josirene Candido Londero (2016), em que as mulheres desempenhavam papéis importantes na sociedade. No entanto, ao longo dos anos, a cultura que valorizava a figura feminina perdeu espaço para uma narrativa predominantemente moldada e registrada por homens. Esse processo resultou no silenciamento da história social das mulheres, impulsionado por conflitos e transformações sociais. Essas mudanças levaram à ascensão do patriarcado como sistema dominante.

Ao olharmos para o período medieval, é evidente que as mulheres eram frequentemente retratadas como propícias a atividades ilícitas. Muitas vezes, eram acusadas de manter relações com o próprio diabo, o que, em alguns casos, as levava a julgamentos por crimes de bruxaria. Dessa forma, ser mulher durante o período medieval representava um desafio perigoso, pois muitas delas foram assassinadas simplesmente por possuírem algum tipo de conhecimento.

Neste contexto, “a Igreja desempenhou um papel significativo na repressão das mulheres”, como apontam os autores Letícia Chagas e Arnaldo Toni Chagas (2017, p. 03). A Igreja, composta em grande parte por homens, sentia-se ameaçada pela participação das mulheres e, como resposta, as caracterizava como agentes do mal. Os homens sempre ocuparam posições de destaque, frequentemente sendo vistos como os representantes do Senhor, o que fortalecia ainda mais a dominação masculina sobre as mulheres.

A modernidade trouxe consigo ideias inovadoras, mas, mesmo assim, o pensamento referente à condição da mulher na sociedade ainda é conservador, colocando-as em casa, cuidando de seus maridos e filhos. A transição para a sociedade moderna não trouxe alívio para a condição da mulher, apesar de ter havido consideráveis avanços. A mulher ainda é associada a alguém necessário apenas para os trabalhos domésticos e vista como alguém que precisa de um "tutor", que, no caso, é o pai, marido, irmão etc. Mesmo contribuindo para o avanço da sociedade, a mulher é frequentemente considerada inferior e dependente dos homens para proteção e sustento.

No contexto brasileiro, a preocupação persiste. Apesar dos avanços alcançados, principalmente através dos movimentos feministas, o Brasil ainda abriga uma sociedade profundamente enraizada no machismo e no patriarcado. As mulheres continuam enfrentando um ambiente tóxico, independentemente de sua origem, seja urbana ou rural, o que limita sua participação na sociedade. Essa problemática não é recente, pois as mulheres têm sido alvo de discriminação e repressão desde os primórdios da sociedade. Como resultado, elas se veem forçadas a recorrer a atos de resistências como uma forma de sobrevivência.

Nesse contexto, é crucial compreender que a cultura patriarcal no Brasil, persiste como uma erva daninha resistente, desafiando os esforços para erradicá-la. Portanto, este estudo visa lançar luz sobre esses desafios persistentes e propor estratégias eficazes para promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres em nossa sociedade. A estrutura da sociedade brasileira é fundamentada em bases e normas bastante rígidas em relação às mulheres. Antes da chegada dos colonizadores ao Brasil, já havia povoados onde homens e mulheres conviviam de maneira mútua, mesmo que as relações fossem influenciadas pelo gênero. Contudo, com a chegada dos colonizadores e suas práticas, emergiu uma cultura que subordinava as mulheres a uma posição inferior em relação ao gênero masculino.

Ao longo da história, as mulheres frequentemente desempenharam papéis de submissão em relação aos homens, mas também sempre lutaram contra o poder que estes exerciam sobre

elas. Infelizmente, a história tradicional minimizou ou ignorou essas narrativas de resistência. Diante deste cenário, não podemos dizer que as mulheres foram sujeitas passivas, aguentaram tudo, sem reclamar, pelo contrário, as mulheres lutaram e resistiram das mais diversas formas a opressão e exploração dos homens nas sociedades tradicionais. Houve inúmeros casos em que as mulheres desempenharam papéis de destaque, desafiando os preceitos instituídos, seja por meio de pequenas ações, como recusar-se a casar com o homem escolhido por seus pais, ou em uma escala maior, como no caso do movimento feminista.

O IMPACTO DO MOVIMENTO FEMINISTA NA TRANSFORMAÇÃO DA VIDA DAS MULHERES

A história social das mulheres é um campo de estudo que busca compreender e dar visibilidade à experiência feminina ao longo do tempo. No entanto, é crucial esclarecer desde o início o contexto e a importância desse estudo. Dentro da historiografia, essa área se dedica à análise das relações de gênero, das desigualdades e das lutas enfrentadas pelas mulheres em diferentes contextos sociais. Através da pesquisa histórica, busca-se dar visibilidade histórica às histórias das mulheres, que foram negligenciadas pela tradição historiográfica, que sustenta a teoria de uma superioridade masculina intitulada patriarcado, como colocado por Vinicius da Silva:

O patriarcado foi, sem dúvida, a mais importante teoria concebida para explicar o contexto de discriminação suportado pelas mulheres. Nessa teoria, afirma-se que as sociedades são patriarcais, na medida em que os homens detêm poder sobre as mulheres, o que se traduz em uma relação de hierarquia entre o masculino e o feminino (SILVA, 2016, p. 4).

É importante ressaltar que a historiografia, em sua grande maioria, é escrita por homens, e a cultura do patriarcado desempenha um papel significativo nisso. Essa cultura resultou em desigualdades de gênero e discriminação enfrentadas pelas mulheres ao longo da história. Isso realça a relevância do patriarcado como uma teoria conceitual fundamental para compreender como as sociedades frequentemente estabelecem hierarquias de poder entre homens e mulheres.

É fundamental que a história social das mulheres seja cada vez mais compreendida e abordada tanto no ambiente escolar quanto nas instituições de ensino superior. É crucial que as perspectivas femininas sejam integradas de forma mais profunda nos currículos, a fim de que as novas gerações tenham acesso a um conhecimento mais completo e inclusivo sobre a história das mulheres e a sua relevância na sociedade.

A narrativa e a escrita das mulheres sempre foram motivo de tensões no meio acadêmico e essa questão ainda persiste. Como já foi explicado, a maioria dos acadêmicos é composta por

homens. Conforme Silva e Silva (2009, p. 148) afirmam: "Homens de mentalidade tradicional acusavam a produção intelectual feminina de ser "política" e não "profissional". No entanto, é evidente que essa perspectiva está gradualmente mudando no campo historiográfico.

O movimento feminista tem desempenhado um papel de grande relevância nessa transformação e continua a exercer influência até hoje. De acordo com Céli Regina Jardim Pinto (2010, p. 15), "Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas." Ao analisar, podemos perceber que, a sociedade constrói uma imagem da mulher submissa ao marido, do gênero frágil e de um indivíduo que, desde sua criação, é direcionado para o trabalho doméstico, como cuidar da casa e também é responsável pela criação dos filhos/as.

Isso demonstra como a sociedade conservadora coloca as mulheres em um lugar restrito, onde elas têm dificuldade em alcançar seu potencial. Vale ressaltar que esse contexto tem passado por transformações significativas, em grande parte devido ao movimento feminista, que ganhou força nos Estados Unidos em meados dos anos 60. Isso evidencia o desejo das mulheres de romper com determinados estereótipos de gênero. Este é um movimento no qual as pessoas que apoiam a causa não se deixam alienar, adotando uma análise crítica para desenvolver teorias que sustentam o movimento. Esse movimento está ganhando cada vez mais notoriedade na sociedade, assim como no meio acadêmico.

Devemos compreender que a mulher, além de trabalhar e estudar também quer ter uma vida pública, deseja aos olhos da sociedade ser igualmente respeitada como os homens, mostrando assim uma mulher que busca ser reconhecida como um indivíduo perante a sociedade, bem como livre dos estereótipos impostos pela sociedade patriarcal, onde o homem detém todos os direitos sem nenhuma restrição. O desafio enfrentado pelas mulheres em uma sociedade, onde a igualdade de gênero ainda é alvo de discursos carregados de preconceitos decorre da predominância da construção social, incluindo seus códigos de conduta, feita em grande parte por homens que tendem a ver as mulheres como seres inferiores. Como destacado por Simone de Beauvoir:

Eis por que todas as religiões e os códigos tratam a mulher com tanta hostilidade. Na época em que o gênero humano se eleva até a redação escrita de suas mitologias e de suas leis, o patriarcado se acha definitivamente estabelecido: são os homens que compõem os códigos. (BEAUVOIR, 1970, P. 101)

A influência histórica do patriarcado na definição de normas e leis que são hostis às meninas. Isso é algo que ainda é visto na sociedade atual, mesmo depois das transformações que já ocorreram na sociedade. As mulheres, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), representam 60% do campo historiográfico, com níveis variados de formação. Essa estatística demonstra o crescente envolvimento das mulheres na escrita da história.

No entanto, apesar de sua ativa participação, os trabalhos acadêmicos presentes na grade curricular das instituições não as incluem, resultando em invisibilidade e falta de representatividade. Um exemplo interessante a ser mencionado é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual os termos "mulher" e "mulheres" são citados respectivamente 7 e 5 vezes. Isso demonstra a falta de representação dessa parcela da sociedade. Isso contribui para o processo de invisibilização da história das mulheres.

Ao analisarmos essa questão, fica evidente que a invisibilidade das mulheres tem uma raiz fundamental: a cultura patriarcal. Essa cultura busca diminuir o papel da mulher, colocando o homem como figura central. Essa perspectiva também se reflete na história. No livro "O Segundo Sexo" de Simone de Beauvoir, ela aborda o conceito de patriarcado como uma estrutura social e política em que os homens possuem poder e exercem dominação sobre as mulheres. O patriarcado é um sistema de organização social que coloca os homens no topo da hierarquia, concedendo-lhes privilégios e autoridade sobre as mulheres.

Ao examinarmos o que Beauvoir discute em seu livro "O Segundo Sexo" de 1970, podemos perceber que isso se aplica ao início da história e à formação de nosso objeto de pesquisa. Afinal, a principal causa dos estereótipos enfrentados pelas mulheres está relacionada à sociedade tradicional, que, em sua essência, é regida por homens. Dessa forma, constatamos que essa cultura patriarcal está profundamente enraizada na sociedade brasileira. Mesmo com as mulheres saindo do conforto de seus lares para se integrarem à sociedade, a desigualdade persiste atualmente.

Ao analisar, podemos perceber que muitas vezes a sociedade constrói uma imagem da mulher submissa ao marido, do gênero frágil e de um indivíduo que, desde sua criação, é direcionado para o trabalho doméstico, como cuidar da casa, do seu marido e é responsável pela criação dos filhos/as. Isso mostra como a sociedade enxerga a condição de ser mulher, colocando-as quase sempre em um lugar restrito, onde não conseguem alcançar seu potencial. Lembrando que esse contexto vem se transformando cada vez mais, devido ao movimento feminista que teve seu fortalecimento em meados dos anos 60 nos Estados Unidos, mostrando que as mulheres buscam romper com determinados estereótipos (PINTO, 2010).

Devemos compreender que o movimento feminista se constitui historicamente em "ondas", com objetivos diversos. A primeira onda visava principalmente a igualdade de direitos, em particular o direito ao voto, permitindo que as mulheres votassem da mesma forma que os homens. Segundo Céli Regina Jardim Pinto:

Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto (PINTO, 2010, P. 15).

Os primeiros objetivos da primeira onda feminista tinham como principal foco o direito ao voto, pois, através desse direito, as mulheres poderiam ganhar mais força e poder para resistir ao patriarcado, no qual os homens detinham o controle tanto na esfera social quanto na esfera pessoal. Neste momento, as mulheres desejavam ser igualmente respeitadas pela sociedade, demonstrando uma busca pelo reconhecimento como indivíduos e pela liberdade dos estereótipos impostos pelo sistema patriarcal, onde os homens detêm todos os direitos sem restrições.

No contexto brasileiro, um país com diversas culturas e etnias coexistentes, as mulheres foram historicamente relegadas a um papel subalterno desde o início da colonização. Enquanto os homens ocupavam os papéis principais, as mulheres desempenhavam funções secundárias. Durante o período colonial, as mulheres muitas vezes se viam em ambientes tóxicos. As mulheres brancas das elites eram ensinadas, desde jovens, a serem boas esposas para seus maridos, frequentemente tratadas como meros objetos de negociação entre seus pais e futuros maridos, com a principal responsabilidade de gerar herdeiros para seus esposos.

Por outro lado, as escravizadas, em certas ocasiões, desempenhavam tarefas semelhantes às dos escravos homens, mas também podiam ser designadas para trabalhos domésticos nas grandes casas ou para cuidar das crianças de suas senhoras. No entanto, é importante salientar que no período colonial brasileiro as mulheres negras foram vítimas dos mais diversos tipos de violências, de modo que, o processo de miscigenação brasileira se deu através do estupro de mulheres negras e indígenas, por parte de seus senhores, e não brancos, o que ampliava ainda mais a dominação masculina sobre elas, sendo consideradas objetos para satisfazer os desejos dos homens (DANTAS, 2021).

Outro ponto a ser considerado é o potencial das mulheres no cenário político, visto que a criação de políticas públicas voltadas para as questões femininas pode contribuir para um maior reconhecimento e igualdade. No entanto, o cenário político ainda é predominantemente composto por homens brancos de elites. Como as mulheres podem atingir a igualdade com os

homens quando a maioria dos líderes políticos é do sexo masculino? Isso perpetua a cultura de dominação masculina sobre as mulheres e dificulta a promoção de políticas que atendam às necessidades das mulheres de maneira significativa.

Portanto, é essencial analisar se a Constituição de 1988, apesar de garantir direitos fundamentais às mulheres, ainda apresenta deficiências em alguns aspectos que impedem que as normas sejam efetivamente cumpridas e aplicadas na sociedade brasileira. O Brasil foi moldado por uma cultura na qual as mulheres, mesmo após conquistar espaços e direitos, ainda são vistas por muitos como inferiores. Isso resulta em uma sociedade preconceituosa, machista e patriarcal, na qual os homens detêm o poder sobre as mulheres. Embora as mulheres tenham alcançado muitas vitórias dentro desse sistema, é evidente que a sociedade ainda impõe mais obstáculos às mulheres do que aos homens.

Entende-se que as mulheres foram subjugadas desde os tempos mais antigos, sendo colocadas em uma situação na qual eram "trancadas" em suas casas e encarregadas do cuidado de suas filhas e filhos. Esse cenário era devastador, e muitas não acreditavam ser capazes de escapar dessa condição. Esse pensamento tem raízes profundas em ideologias, principalmente derivadas de questões religiosas. Este mesmo pensamento também é fortificado por estruturas sociais e culturais.

A Igreja Cristã desempenha um papel fundamental que não pode ser esquecido, já que é uma instituição com grande influência nas questões sociais. Ela também tem a responsabilidade de lidar com a questão da dominação masculina sobre a mulher. Como aponta Lerner (2019, p. 39), "A resposta tradicionalista à primeira pergunta, é claro, é que a dominação masculina é universal e natural. O argumento pode ser proposto em termos religiosos: a mulher é submissa ao homem porque assim foi criada por Deus." Ao analisar esse cenário, percebemos que a dominação masculina é algo considerado natural, como ilustrado na história das origens do mundo no texto bíblico de Gênesis, aonde o homem veio primeiro e a mulher foi criada a partir de uma das costelas de Adão.

E assim, o homem é predestinado por Deus, a ser superior à mulher. Isso foi e continua sendo utilizado como desculpa para que o homem subjugue a mulher, colocando-a como um ser inferior. Assim, torna-se necessário a interferência do homem para que a sociedade se desenvolva sem problemas. Ao longo da história existiu casos nos quais os homens ficaram responsáveis pelo sustento financeiro da casa, mas também houve muitos casos em que a mulher assumia totalmente a responsabilidade pela criação e sustento de seus filhos e filhas,

devido ao abandono ou falta de interesse dos pais, e isso acontece nas sociedades contemporâneas

Esse quadro não é raro em nosso país. Apesar de muitas ideologias favorecerem a superioridade do homem sobre a mulher, é essencial recordar que, sem as mulheres, não haveria sociedade, já que são responsáveis por gerar, criar e educar nossos cidadãos. No entanto, essa contribuição muitas vezes é reduzida apenas a uma obrigação que as mulheres devem cumprir. A sociedade brasileira negligencia o fato de que, além de mães, as mulheres são indivíduos com sentimentos e capacidades de produção equiparáveis aos homens. Infelizmente, uma sociedade conservadora as coloca frequentemente na posição de meras cuidadoras do lar e responsáveis por manter a ordem no lar.

Assim, é fundamental compreendermos que o movimento feminista desempenha um papel crucial no desenrolar dessa história, pois tem uma grande contribuição para o desenvolvimento de mulheres conscientes sobre seus direitos e responsabilidades como indivíduos na sociedade. Através desse movimento, as mulheres tiveram a coragem de ir às ruas e exigir tratamento igualitário, assim como as mesmas oportunidades que os homens. Voltando ao cenário dos interiores do Brasil, as mulheres que residem na zona rural também tiveram suas vidas transformadas, não apenas pelo movimento feminista, mas também pela necessidade de prover alimentação para seus filhos. É importante mencionar que o fato dessas mulheres viverem no interior não significa que esses preconceitos não existam.

As oportunidades para as mulheres são igualmente limitadas tanto na cidade grande quanto no interior. Apesar do desenvolvimento mais lento nas áreas rurais em comparação com as grandes cidades, os preconceitos persistem e se manifestam de maneira mais evidente, desvalorizando as mulheres e sujeitando-as à violência verbal. Elas são relegadas ao papel de simples donas de casa, sem o direito de participar de trabalhos tradicionalmente masculinos, como na agricultura e em trabalhos manuais, como capinar, cercar ou até mesmo remover tocos de árvores.

Esses ambientes, geralmente dominados por homens, tendem a ser pouco receptivos às mulheres, pois, segundo a perspectiva deles, as mulheres não possuem força suficiente e são vistas como incapazes de pensar de forma racional, sendo colocadas no papel de vítimas de suas emoções. Conforme aponta Cordeiro (2012, p. 3), "Se o espaço socialmente atribuído às mulheres na área rural está circunscrito à casa, ao grupo familiar e à comunidade a que

pertencem, cabe aos homens lidar com outros espaços sociais." Esse tipo de pensamento está intimamente ligado ao sistema que coloca o homem num pedestal intocável.

Este cenário de restrição é visível, e é isso que o movimento feminista busca combater. Não buscamos que as mulheres tomem o lugar dos homens, mas sim que sejam tratadas como pessoas capazes de desempenhar os mesmos papéis que eles na sociedade. Queremos igualdade entre os gêneros, em todos os lugares, inclusive em pequenas regiões do interior do estado do Piauí, como o Caldeirão.

O PAPEL DAS MULHERES NA COMUNIDADE CALDEIRÃO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E DE EMPODERAMENTO FEMININO

A comunidade Caldeirão está localizada na zona rural do município de Cajazeiras do Piauí, onde se observa que as mulheres desempenham papéis importantes, servindo de inspiração para as novas gerações. Vamos fazer uma breve introdução para conhecê-las melhor. A primeira entrevistada é dona Meres Ferreira de Sousa, natural de Caldeirão, com 52 anos e divorciada. Ela cursou até o segundo ano do ensino médio, se identifica como negra e é mãe de três filhos. Em seguida, temos dona Maria Pereira da Silva, nascida em Amarante, com 67 anos e viúva. Sua educação é de nível básico, se considera parda e tem quatro filhos. A terceira entrevistada é dona Maria Francisca de Araújo, também de Caldeirão, com 77 anos e casada. Ela possui educação básica, se identifica como branca e é mãe de sete filhos. Por último, temos dona Isabel Pereira da Silva, natural de Caldeirão, com 74 anos e solteira. Sua educação é básica, se considera parda e teve sete filhos, dois dos quais faleceram.

As mulheres da referida comunidade exercem diferentes funções como microempreendedoras, colaboradoras de associação, costureiras, agricultoras, artesãs, confeiteira além de executarem as atividades domésticas. Ao explorarmos as narrativas das mulheres entrevistadas, percebemos que, mesmo residindo no mesmo local, cada uma possui seus próprios traumas, vivências e cotidianos. No entanto, há algo que todas as quatro entrevistadas têm em comum, que é a coragem de assumir o controle de suas vidas, seja por serem mães solo. Deste modo, foi fundamental adotar uma abordagem fluida, pois durante o processo de entrevista tratamos de questões delicadas, como por exemplo, se seus companheiros já foram responsáveis por algum tipo de violência.

As entrevistadas apresentam diferentes idades e possuem trajetórias singulares em relação às demais. Elas se encontraram em um cenário onde tiveram que lutar por sua sobrevivência, seja através da agricultura, que constitui a principal fonte de renda da

comunidade, ou através do artesanato, graças a instituições e projetos que as capacitaram em diversas habilidades. As mulheres que entrevistamos tiveram que assumir posições de liderança, apresentando uma visão que não é comum em uma sociedade convencional, onde os homens controlam a posição de liderança.

Historicamente, as mulheres foram desencorajadas ou até mesmo proibidas de participar da força de trabalho remunerada, o que as limitava financeiramente, e as mantinham dependentes dos homens. Elas eram relegadas, principalmente, aos trabalhos domésticos, como cuidar da casa, do marido e dos filhos. Quando uma mulher cogitava expandir suas atividades, para além da esfera privada e ingressar no âmbito público, encontrava dificuldades, pois o lugar tradicionalmente designado a elas era o ambiente doméstico. Ela enfrentava obstáculos que os homens não enfrentavam, como mencionado por Cordeiro.

Se o espaço socialmente atribuído às mulheres na área rural está circunscrito à casa, ao grupo familiar e à comunidade a que pertencem, cabe aos homens lidar com outros espaços sociais. Isso significa usufruir a liberdade de ir e vir e poder circular em outros lugares, comunidades vizinhas e cidades (CORDEIRO, 2004, p. 03-04)

A citação destaca a divisão tradicional de espaços sociais entre homens e mulheres na área rural. Segundo a autora, em sociedades rurais as mulheres são restritas ao ambiente doméstico, familiar e comunitário, enquanto os homens têm a liberdade de se movimentar em outros espaços sociais. Essa dinâmica reflete uma estrutura patriarcal que limita a autonomia das mulheres e perpetua desigualdades de gênero. A liberdade de circulação dos homens contrasta com a reclusão das mulheres, reforçando a ideia de que elas pertencem a um domínio privado e ele a um público, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e desigualdades sociais.

Para contrastar com essa visão, a entrevistada Isabel destaca que sempre trabalhou por conta própria, recusando-se a ser "mandada" por outra pessoa. Ela enfatiza sua independência financeira ao longo dos anos, optando por vender alimentos na feira ao invés de se tornar empregada doméstica. Isso se reflete nas inúmeras ocasiões em que ela é subjugada ao silêncio, existem cenários, onde a mulher é a única provedora de renda em sua família, como é o caso das mulheres que entrevistamos, porém, a sociedade muitas vezes a coloca em uma posição, onde seu esforço é inferior a figura masculina. Durante a entrevista, foi questionado: Quais eram as maiores dificuldades enfrentadas pela senhora no seu trabalho? A entrevistada respondeu:

A maior dificuldade que enfrentei foi a rejeição por ser mulher no trabalho da roça na fazenda. Eu era muito rejeitada porque achavam que mulheres não tinham capacidade para realizar os serviços pesados que os homens faziam. Tudo era feito manualmente,

sem o auxílio de máquinas, e consistia em trabalhos braçais muito pesados, como cercar, limpar mato, arrancar tocos e carregar postes para fazer cercas. Fui criticada por isso, apenas por ser mulher. Quando cheguei na fazenda, o gerente me disse que não havia trabalho para mulheres, pois todos os serviços eram destinados aos homens. Então, pedi para ele listar quais eram esses serviços que as mulheres não poderiam fazer. O encarregado, que era quem estava responsável naquele momento, disse que se eu estava procurando trabalho, iriam me colocar para trabalhar e, se eu não desse conta, seria outra história. Então, me deram uma chance e, graças a Deus, deu certo. Trabalhei lá por 7 anos... (FERREIRA, 2024).

Observa-se nesta resposta, que sendo um trabalho braçal as pessoas da fazenda, em sua maioria homens, acreditavam que a senhora Meres não iria "dar conta", isso é um reflexo de uma sociedade que foi ensinada a reconhecer na figura feminina um ser fraco. Para compreender determinadas questões, devemos considerar certos aspectos. Esta pesquisa tem como principais personagens as mulheres que residem na comunidade Caldeirão, uma comunidade rural, onde o acesso as tecnologias, como a internet, surgiram há pouco tempo. Deste modo, observamos que algumas falas podem refletir valores tradicionais que persistem até hoje.

No entanto, essa perspectiva de vida, na qual as mulheres tiveram que desafiar os estereótipos em torno do trabalho feminino, emergiu devido a uma série de fatores, como guerras, industrialização e outros eventos significativos. Esses acontecimentos possibilitaram mudanças nos padrões familiares, nos quais as mulheres podem se tornar a principal provedora do sustento familiar. De acordo com Perrot:

Por muito tempo aparentemente imóvel, a vida nos campos muda, e a das mulheres também. Por influência do mercado e das comunicações. Pela industrialização. Pelo êxodo rural. Pela ação das guerras, principalmente a de 1914-1918, que esvaziou o campo de seus jovens e transferiu uma parte de suas tarefas e de seus poderes para as mulheres: elas aprendem a lavrar a terra, gesto viril, e a gerenciar seu negócio. Esses fatores acumulados modificaram o equilíbrio das famílias e as relações entre os sexos e mudaram a vida das mulheres (PERROT, 2007, p. 113)

As transformações sociais, como guerras, industrialização e migração rural-urbana, levaram as mulheres a assumir papéis antes considerados masculinos, como o trabalho na agricultura e o gerenciamento de negócios. Essas mudanças alteraram profundamente as dinâmicas familiares e a distribuição de papeis sociais. No entanto, apesar dessas transformações, as mulheres ainda enfrentam julgamentos e estigmas na sociedade, tanto em áreas urbanas quanto rurais, o que destaca a continuidade dos desafios enfrentados por elas, mesmo diante das mudanças sociais.

Por meio desta narrativa sobre o empoderamento feminino na comunidade, observamos uma perspectiva das mulheres que vivem na zona rural, destacando suas experiências e histórias na construção de suas famílias. A história das mulheres no campo é uma temática pouco discutida na historiografia piauiense, o que também se reflete na vida das mulheres rurais, que

não recebem o devido reconhecimento. No entanto, é importante ter em mente que, em muitos lugares, as mulheres rurais desempenham um papel de chefe de família, como vemos nas narrativas das mulheres da comunidade Caldeirão. Como aponta Caroline Araújo Bordalo:

Autoras como Cordeiro (2004) e Abreu e Lima (2003) apontam que uma forte seca entre os anos de 1979 à 1984, teria impulsionado a organização das mulheres, pois muitas tornaram-se, nesse período, “chefes de família” condição assumida pela ausência dos maridos que, sem trabalho, migravam para outras regiões do estado e do país (BORDALO, 2008, p. 2).

Observamos que as mulheres do interior podem se tornar chefes de família, devido a circunstâncias que levam os homens a deixarem seus lares, mostrando que, em alguns casos, as mulheres só conseguem adquirir poder quando a figura masculina está ausente por alguma razão. A presença de uma mulher em uma posição de poder incomoda a sociedade, pois desde muito cedo as meninas são levadas a acreditar que seu papel é cuidar, gerar e criar seus futuros filhos. Isso se reflete desde o início, quando as meninas brincam de bonecas, casinha, entre outras brincadeiras que reforçam esse tipo de pensamento retrógrado.

Quando perguntamos a entrevistada, Maria, sobre as brincadeiras que costumava fazer quando criança, ela mencionou brincar de boneca e outras atividades que considerava simples brincadeiras infantis. No entanto, podemos observar que isso reflete uma herança da sociedade em que as mulheres são ensinadas desde cedo a desenvolver habilidades de cuidado. É necessário compreender a complexidade da experiência da mulher, uma vez que, como observamos, a mulher é um indivíduo que apresenta diversas peculiaridades. Muitas vezes, essas peculiaridades são silenciadas pelos sistemas de dominação. Isso é fundamental para entender que não buscamos retratá-las como vítimas, mas sim como indivíduos que resistem continuamente, apesar dos obstáculos que encontram ao longo do caminho.

O reconhecimento da presença e da atuação das mulheres em todos os movimentos sociais é fundamental. Isso não apenas destaca a importância da inclusão e da diversidade nessas lutas, mas também desafia as narrativas tradicionais que invisibilizam a contribuição feminina. A crescente presença de mulheres em posições de liderança nos movimentos sociais representa um avanço significativo na busca por uma sociedade mais equitativa e democrática.

As entrevistadas relataram que, na comunidade, a vida das mulheres é caracterizada por uma relação peculiar, muitas vezes marcada pela necessidade de sobreviverem sozinhas, sem ajuda de ninguém. Esse fato é confirmado por seus próprios relatos. A atividade agrícola emerge como uma das principais fontes de renda para essas mulheres. Um aspecto interessante a ser analisado é a associação comunitária, da qual duas das entrevistadas fazem parte. Trata-se de

uma associação composta majoritariamente por mulheres, que viram nessa oportunidade um espaço de liderança, algo que antes parecia "impossível", pois algumas entrevistadas mencionaram que ainda enfrentam preconceitos relacionados ao trabalho das mulheres na roça. Sendo assim, a associação não só possibilita que as mulheres obtenham alguma renda extra, mas também se configura como um ambiente de empoderamento, já que é um órgão que detém determinadas vantagens e é reconhecido na comunidade.

O reconhecimento da presença e da atuação das mulheres em todos os movimentos sociais é fundamental. Isso não apenas destaca a importância da inclusão e da diversidade nessas lutas, mas também desafia as narrativas tradicionais que frequentemente invisibilizam a contribuição feminina. A crescente presença de mulheres em posições de liderança nos movimentos sociais representa um avanço significativo na busca por uma sociedade mais equitativa e democrática. Como podemos observar na fala da autora Sales:

Os movimentos sociais também são atravessados pelas relações de gênero, étnicas e de geração, por isso, ao lutar por direitos sociais, terra, contra a opressão e as desigualdades sociais, podem reproduzir no seu agir político formas de dominação como, por exemplo, as discriminações de gênero. Ao mesmo tempo, os movimentos têm sempre um certo grau de liberdade, uma fresta de ar que possibilita repensar suas práticas. É nessas pequenas aberturas que surgem as lideranças de mulheres jovens. Em alguns movimentos isso é menos expressivo, em outros vem crescendo o número de mulheres ocupando cargos de direção e/ou em posição de liderança. É importante registrar que elas estão presentes em todos os espaços, em todos os movimentos. (SALES, 2010, p. 435)

A citação de Sales destaca a complexidade das dinâmicas internas dos movimentos sociais, mostrando como eles não estão imunes às influências das relações de gênero, étnicas e geracionais. Ao mesmo tempo que esses movimentos lutam por direitos sociais, justiça e igualdade, eles podem, paradoxalmente, reproduzir formas de dominação e discriminação, como as de gênero. Isso revela um aspecto crucial: a luta contra a opressão externa pode ser acompanhada pela necessidade de lidar com opressões internas.

A luta pela igualdade de gênero é algo complexo. Durante as conversas com as entrevistadas, observei que, mesmo tendo experiências que destacam essa desigualdade entre homens e mulheres, cada uma tem uma perspectiva única sobre esse aspecto. A resposta da entrevistada Isabel Pereira da Silva à pergunta "A senhora acredita que existe desigualdade entre homens e mulheres? Por quê?" revela um aspecto importante de sua experiência pessoal. Ela diz: "Eu sofri muitas críticas por ser mãe solo, mas eu não estava nem aí, era gosto meu, foi eu que quis assim." Essa declaração destaca uma forma de desigualdade de gênero que Isabel enfrentou: o julgamento e a crítica social por ser mãe solo.

No contexto mais amplo da entrevista, Isabel descreve como sempre trabalhou para si mesma e nunca foi empregada de ninguém, demonstrando uma forte independência e resiliência. No entanto, ela também menciona que as mulheres da comunidade enfrentam muitas dificuldades e cansaço, o que pode ser interpretado como reflexo das desigualdades e dos desafios adicionais que elas enfrentam em comparação aos homens.

Podemos discutir como Maria Pereira percebe a influência de estereótipos de gênero na forma como as mulheres são vistas e tratadas na sociedade. Ela pode fornecer *insights* valiosos sobre como esses estereótipos afetam não apenas as oportunidades e os direitos das mulheres, mas também sua autoestima e senso de empoderamento. Além disso, podemos explorar se Maria acredita que a fragilidade feminina é uma construção social ou se há aspectos biológicos que contribuem para essa percepção.

Essa discussão pode levar a reflexões sobre como as noções de fragilidade e força são socialmente construídas e como elas impactam as expectativas e os comportamentos em relação às mulheres. Quando perguntamos sobre a questão "A senhora acredita que as mulheres são frágeis? Por quê?", ela respondeu o seguinte: "A entrevistada expressou que as mulheres são frágeis e destacou que, em ser mulher, já se torna mais frágil. Ela também mencionou que, em algum tipo de atitude, às vezes as mulheres se acham mais frágeis."

A percepção da entrevistada sobre as mulheres serem vistas como frágeis é interessante, porque reflete uma realidade social em que os estereótipos de gênero podem influenciar a maneira como as mulheres se veem e são vistas pela sociedade. Ela parece reconhecer que essa percepção de fragilidade é atribuída às mulheres, devido a expectativas de comportamento e papéis de gênero tradicionais. No entanto, é importante notar que essa percepção não reflete o que as mulheres são, apenas uma representação social do que é ser mulher, as mulheres desafiam esses estereótipos, e demonstram sua força e resiliência em diversos momentos de suas vidas, contrariando aquilo que a sociedade impõe às mulheres.

Quando analisamos a percepção sobre a questão da força entre homens e mulheres, é comum observarmos a história retratando o homem como um sujeito forte, corajoso, já a figura feminina como alguém frágil, delicada, medrosa. No entanto, muitas vezes esquecemos que existem inúmeros casos em que a mulher demonstra uma força excepcional, impulsionada pela necessidade. A força feminina muitas vezes é subestimada ou esquecida, mas é importante reconhecer, que as mulheres desenvolvem uma força notável em resposta às demandas da vida

cotidiana e das circunstâncias adversas. Portanto, é fundamental não apenas reconhecer, mas também valorizar a força das mulheres, que pode se manifestar de maneiras diversas e igualmente poderosas. Nesse contexto, ao questionarmos "A senhora acredita que os homens são mais fortes do que as mulheres?", a entrevistada Meres Ferreira oferece uma perspectiva reveladora:

Não, não é assim. As mulheres aqui são mais fortes, porque são elas que batalham, são elas que “correm atrás”, são elas que cuidam da casa. São elas que fazem a comida para os homens, não é? São elas que lavam a roupa para os homens, enquanto os homens só vão trabalhar quando querem. A mulher, por outro lado, precisa estar no batente todos os dias. Então, as mulheres da minha comunidade são mais fortes que os homens. Eu acredito nisso, sim, porque raramente um homem cria um filho sozinho, mas a mulher cria. Eu criei três, graças a Deus, com muita luta, com muita batalha, mas estou terminando de educá-los. Graças a Deus (FERREIRA, 2024).

Analisando a resposta da entrevistada, percebe-se que ela destaca a força e a resiliência das mulheres da comunidade, onde são responsáveis por múltiplas tarefas, desde o cuidado da casa até a criação dos filhos. Isso destaca a desigualdade existente entre os gêneros, onde o homem não auxilia nas tarefas domésticas, gerando uma sobrecarga para a mulher, que precisa se virar para cuidar da casa e dos filhos mesmo quando há alguém (o homem) que poderia ajudar. No entanto, devido às convicções patriarcais, o homem não mexe um dedo para auxiliar sua companheira. Meres Ferreira evidencia como as mulheres assumem papéis diversos e exigentes na sociedade, enfrentando desafios diários com determinação e coragem. Sua observação sobre a criação dos filhos ressalta a importância do papel materno e a capacidade das mulheres de lidar com responsabilidades familiares mesmo diante das adversidades. É um testemunho poderoso sobre a realidade e a força das mulheres em muitas comunidades.

Muitas vezes, as mulheres enfrentam desafios sem o apoio necessário da família ou de seus parceiros, como se observa em alguns relatos durante as entrevistas. As entrevistadas se veem responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos, ao mesmo tempo em que precisam desempenhar seus trabalhos. Isso evidencia a grande flexibilidade que as mulheres têm, seja por necessidade ou outras circunstâncias. Essa realidade é frequente em nossa sociedade, mas muitas vezes essas perspectivas são negligenciadas ou excluídas do debate público, invisibilizando o trabalho das mulheres, tanto em casa quanto na sociedade, e tornando-o invisível e desvalorizado.

A relação de Maria Francisca de Araújo com seu marido foi marcada por muitos desafios e dificuldades. Eles se casaram quando ela tinha apenas 17 anos, após um ano de namoro. No entanto, a convivência inicial não foi fácil; a senhora Maria caracteriza seu marido como

"safado" e pouco comprometido. Apesar disso, permaneceram casados por cerca de 27 anos, até que ele eventualmente foi embora com outra mulher.

Durante o casamento, Maria enfrentou a falta de apoio do marido nas atividades domésticas e na criação dos filhos, tendo que lidar sozinha com a carga de trabalho. Embora ele nunca tenha sido violento, dona Maria não vê isso como uma violência, o que demonstra que a sociedade ensina às mulheres a fecharem os olhos para esse tipo de comportamento, considerado pela sociedade como parte da natureza masculina, onde o homem é visto como bruto e insensível, e tais ações são consideradas normais para ele. No entanto, sabemos que palavras ofensivas constituem um tipo de violência voltada para o campo emocional. A ausência de envolvimento dele contribuiu para uma relação insatisfatória. Esta experiência destaca as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres em relações desiguais, onde a responsabilidade doméstica recai desproporcionalmente sobre elas, sem o suporte necessário do parceiro.

Além das dificuldades na relação conjugal, Maria Francisca de Araújo enfrentou desafios significativos na criação dos filhos e na conciliação entre o trabalho fora de casa e as tarefas domésticas. Ela teve que lidar com a sobrecarga de responsabilidades, trabalhando duro para sustentar a família, e garantir que suas necessidades básicas fossem atendidas. A falta de apoio do marido nas atividades domésticas aumentou ainda mais essa carga, tornando sua jornada ainda mais desafiadora. No entanto, Maria persistiu e enfrentou esses obstáculos com determinação e resiliência, destacando sua força e dedicação como mãe e provedora da família. Essa narrativa ressalta a realidade de muitas mulheres que enfrentam dificuldades semelhantes em sociedades onde as expectativas de gênero ainda são desiguais.

O presente artigo buscou analisar as histórias de vida de várias mulheres da comunidade Caldeirão, revelando um panorama rico e multifacetado das experiências femininas na zona rural. Desde as narrativas de Dona Isabel Pereira da Silva, Dona Maria Francisca de Araújo, Dona Maria Pereira da Silva até Dona Meres Ferreira de Sousa, emergiram temas como independência, resiliência, desafios enfrentados e conquistas alcançadas. Com isso, ficou evidente que apesar das adversidades e dos estereótipos de gênero profundamente enraizados na sociedade, essas mulheres desafiam constantemente essas normas, assumindo papéis de liderança, empreendedorismo e responsabilidade familiar. Suas histórias refletem não apenas a luta individual contra as desigualdades de gênero, mas também a capacidade de transformar suas comunidades através do trabalho árduo e da participação ativa.

A associação comunitária, mencionada por algumas entrevistadas, surge como um espaço vital não apenas para a geração de renda adicional, mas também como um ambiente de

empoderamento e solidariedade entre mulheres. Essa rede de apoio não só fortalece a posição das mulheres na comunidade, mas também desafia as normas sociais que tentam restringir seu potencial. É essencial reconhecer que o empoderamento feminino não se limita apenas à esfera individual, mas tem um impacto transformador em toda a comunidade. Mulheres como as entrevistadas deste estudo não apenas enfrentam desafios pessoais, mas também contribuem para a mudança social e para a construção de uma sociedade mais equitativa e igualitária.

Por fim, podemos observar, que as questões relacionadas ao ambiente feminino são complexas. No entanto, no decurso dos anos, as transformações vêm ocorrendo significativamente. Sempre ansiei por uma análise mais profunda dessas questões e, através deste estudo, pude constatar mudanças notáveis, especialmente no contexto educacional e na história das mulheres. As entrevistas permitiram compreender melhor a vida das mulheres em uma sociedade predominantemente masculina, onde os homens estão sempre sendo privilegiados, simplesmente, pelo fato de ser homem.

A análise das fontes revela aspectos cruciais sobre o papel das mulheres em uma comunidade rural e a complexidade do empoderamento feminino nesse contexto. As mulheres da comunidade Caldeirão desempenham papéis essenciais, que vão desde as microempreendedoras até as colaboradoras ativas da associação local. Cada mulher tem uma história única, mas todas compartilham a coragem de assumir o controle de suas vidas, muitas vezes enfrentando a falta de apoio de seus parceiros ou sendo mães solo.

A resistência feminina se manifesta na superação de estereótipos de gênero e na luta por reconhecimento em atividades tradicionalmente dominadas por homens, como a agricultura. A história de Dona Meres exemplifica a luta das mulheres contra preconceitos e a discriminação no ambiente de trabalho rural, mostrando a força e a resiliência necessárias para enfrentar tais desafios. Além disso, as transformações sociais, como as guerras e a industrialização, tiveram um impacto significativo na vida das mulheres rurais, levando-as a assumir papéis tradicionalmente masculinos e alterando as dinâmicas familiares e de gênero. Isso evidencia uma evolução gradual, mas importante, na posição das mulheres na sociedade.

A criação de associações comunitárias, majoritariamente compostas por mulheres, é um exemplo de como elas encontram espaços de liderança e empoderamento. Essas associações não só proporcionam renda extra, mas também representam um ambiente de apoio e reconhecimento mútuo, fortalecendo a comunidade e promovendo a igualdade de gênero.

As entrevistas revelaram percepções variadas sobre desigualdade de gênero e estereótipos de fragilidade feminina. Enquanto algumas entrevistadas reconhecem a desigualdade e a criticam, outras reproduzem certos estereótipos, mostrando como essas percepções estão enraizadas na cultura e no contexto social. No entanto, a força das mulheres é destacada não apenas em termos físicos, mas também em termos de resiliência emocional e capacidade de enfrentar adversidades. As mulheres da comunidade Caldeirão demonstram uma força notável ao assumirem múltiplas responsabilidades e superarem desafios diários.

A participação crescente de mulheres em movimentos sociais e em posições de liderança representa um avanço significativo na luta por uma sociedade mais equitativa. Isso desafia as narrativas tradicionais que invisibilizam a contribuição feminina e promove a inclusão e diversidade, essencial para uma sociedade mais justa. A pesquisa destaca a complexidade da experiência feminina na comunidade rural, mostrando como as mulheres, apesar dos desafios e estereótipos, encontram maneiras de se empoderar e liderar. Através de suas histórias, observamos uma mudança gradual nas dinâmicas de gênero e um fortalecimento da posição das mulheres na sociedade. O reconhecimento dessas contribuições é fundamental para promover uma sociedade mais justa e equitativa, valorizando a força e a resiliência das mulheres em todas as esferas da vida.

Na entrevista com Dona Isabel Pereira da Silva, fica evidente sua vida de trabalho árduo e independência na comunidade Caldeirão. Desde jovem, ela se dedicou à agricultura e a venda de alimentos, mantendo sua autonomia, não precisando trabalhar para outras pessoas, além dela mesma, terceirizando sua mão de obra. Apesar dos desafios enfrentados na criação de seus filhos como mãe solo, Isabel demonstra resiliência e autoconfiança em suas escolhas de vida. Sua visão de gênero é marcada pela igualdade entre homens e mulheres, destacando a força e a capacidade de ambas as partes. Além disso, ela reconhece as melhorias na comunidade ao longo dos anos, como o acesso a serviços públicos, enquanto continua participando ativamente das atividades locais.

A entrevista com Dona Maria Francisca de Araújo revela uma vida marcada por trabalho árduo, desde sua infância quando começou a ajudar sua mãe, até sua atuação profissional posterior em um centro social, onde confeccionava enxovais de bebê. Seu relato sobre o casamento e a criação dos sete filhos evidencia desafios financeiros e dificuldades no relacionamento conjugal, incluindo infidelidade e violência psicológica. Apesar das adversidades, Maria mantém uma forte ligação com sua comunidade, participando ativamente de atividades comunitárias e da igreja. A chegada de água encanada e eletricidade trouxe

melhorias significativas na qualidade de vida, porém, ainda há uma percepção de falta de apoio adequado por parte do poder público.

Nesta entrevista, Dona Maria Pereira da Silva compartilha sua trajetória desde a infância até a vida adulta na Comunidade Caldeirão, destacando seu casamento, viuvez e a criação de seus filhos. Ela discute sua relação familiar, seu papel na comunidade, como a prática de artesanato, e suas percepções sobre questões de gênero, incluindo desafios enfrentados pelas mulheres, participação na liderança local e experiências de não ser ouvida por ser mulher. Dona Maria Pereira da Silva também aborda as condições de vida na comunidade, como acesso a serviços básicos e assistência do poder público, oferecendo uma visão abrangente de sua vida e perspectivas sociais em seu ambiente.

Nesta entrevista, Dona Meres Ferreira de Sousa compartilha sua história de vida e sua vivência na comunidade. Ela destaca sua trajetória desde a infância, marcada pelo trabalho na roça desde os sete anos, até sua atuação como lavradora e microempreendedora na comunidade, onde nasceu. Dona Meres fala sobre as dificuldades enfrentadas, tanto na esfera pessoal, como a separação do marido e a criação dos filhos, quanto no âmbito social, incluindo a falta de apoio do poder público e o preconceito de gênero enfrentado pelas mulheres na comunidade. Ela ressalta o papel ativo das mulheres na liderança e na luta por melhores condições de vida, destacando a importância da associação de mulheres e do trabalho coletivo. Apesar dos desafios, Dona Meres demonstra resiliência e determinação em enfrentar as adversidades e cuidar de sua família, mantendo-se ativa em suas atividades diárias, como o trabalho na roça e a produção de artesanato e alimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas compartilhadas pelas mulheres da comunidade Caldeirão revelam uma tapeçaria complexa de experiências, desafios e triunfos. Suas histórias refletem não apenas a resiliência individual, mas também o poder transformador da solidariedade e do empoderamento coletivo. Ao examinar a vida dessas mulheres, fica claro que o progresso em direção à igualdade de gênero não é apenas uma questão de políticas públicas ou mudanças legislativas, mas também um processo profundamente enraizado na resiliência humana e na capacidade de se adaptar e resistir às adversidades.

À medida que encerramos este artigo, é crucial reconhecer não apenas as conquistas individuais, mas também o contexto mais amplo no qual essas mulheres operam. Os desafios enfrentados por elas não são apenas pessoais, mas também estruturais, refletindo sistemas de

poder arraigados e desigualdades sistêmicas. Portanto, qualquer esforço para promover a igualdade de gênero deve abordar não apenas os sintomas visíveis da discriminação, mas também suas raízes profundas na estrutura social e econômica.

No entanto, apesar dos desafios, há motivos para otimismo. As histórias de Dona Isabel, Maria Francisca, Maria Pereira e Dona Meres são testemunhos vivos da resiliência humana e da capacidade de transformação. Elas não apenas desafiam estereótipos e preconceitos arraigados, mas também moldam ativamente o futuro de suas comunidades, liderado pelo exemplo e inspirando aqueles ao seu redor a buscar um mundo mais justo e equitativo. Assim, ao encerrar este artigo, somos lembrados não apenas da distância que ainda precisamos percorrer, mas também do poder transformador da perseverança e da solidariedade. Que as vozes e experiências dessas mulheres continuem a emergir, nos guiando na busca por um mundo, onde todos possam florescer livremente, independentemente de seu gênero, origem ou circunstâncias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Uma história do feminismo no Brasil**. Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 135–138, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/33799>. Acesso em: 11 set. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1970, vol. 1.

BORDALO, C.A. **Pelo direito de ser e estar: engajamento, mobilização e socialização política nos movimentos de mulheres rurais em Pernambuco**. In: ENCONTRO NACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., Florianópolis, SC. Anais... Florianópolis, SC: UFCS, 2008.

CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo Toni. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil**. Psicologia. pt, {sc}, p. 1-8, 2017.

CORDEIRO, R. (2007). **Gênero em contextos rurais: A liberdade de ir e vir e o controle da sexualidade das mulheres no Sertão de Pernambuco**. In A. M. Jacó-Vilela & L. Sato (Orgs.), *Diálogos em Psicologia Social* (pp. 131-139). Porto Alegre: Editora Evangraf Ltda.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto. 2007.

PINTO, C. R. J. **Feminismo, história e poder**. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 15–23, jun. 2010.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flaksman, In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SALES, C. M. V. **Mulheres Jovens Rurais: marcando seus espaços.** In: SCOTT, R. P.; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Org.). *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, v. , p. 423-448.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos.** 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo Contexto, 2009

SILVA, V.; LONDERO, J. C. **Do matriarcalismo ao patriarcalismo: formas de controle e opressão das mulheres.** XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades. Campina Grande, 8 a 10 jun/2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID48_21042016135430.pdf> Acesso em: 13 fev. 2023.

SOIHET, R. **História das Mulheres.** In: Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas. (Org.). *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. 1a.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, v., p. 275-311.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por conceder-me a resiliência necessária para concluir este curso, e por fortalecer-me para não desistir das minhas ambições. Expresso também minha gratidão à minha família, que nunca desistiu de mim. Em especial, agradeço à minha avó materna, que, embora não esteja mais entre nós, acredito que seu espírito esteja presente neste momento.

O percurso que tracei desde a educação básica até hoje foi repleto de desafios, nos quais derramei lágrimas de saudade, tristeza e alegria. Hoje, compreendo que esses desafios foram necessários para minha formação como profissional. Não foi um caminho fácil; enfrentei meus medos para adquirir as habilidades necessárias para me tornar uma profissional qualificada.

Nos últimos quatro anos, conviver com diversos indivíduos não foi uma tarefa fácil devido à minha personalidade um tanto antissocial. No entanto, meu entrosamento com os demais foi lento e progressivo. A universidade proporcionou uma experiência essencial para meu amadurecimento pessoal, demonstrando que é um ambiente propício não apenas para o crescimento profissional, mas também para o desenvolvimento pessoal dos indivíduos.

Em suma, acredito que todas as experiências vivenciadas durante este período foram incríveis e contribuíram significativamente para minha jornada. Estou preparada para os desafios que o futuro me reserva e confiante de que construí uma base sólida para minha carreira e minha vida pessoal.